

FOLHA POLITICA E LITTERARIA.

—SUBSCREVE-SE A 2\$500 RS. POR TRIMESTRE (13 NUMEROS) E VENDE-SE CADA FOLHA AVULSA A 200 RS. NESTA TYP.

SABBADO 23 DE OUTUBRO.

MARANHAO TYPOGRAPHIA DA TEMPERANÇA, IMPRESSO POR MANOEL PEREIRA RAMOS, NA RUA FORMOZA CAZA N. 2.

EXTERIOR.

HESPANHA.

Londres, 25 de agosto de 1847.

Terrível conspiração se trama na Hespanha. Certo que é impossível prestar prompta ou implicita fé a todos os pormenores de um plano tal, como esse que foi hontem referido na nossa correspondencia de Madrid, e que ora alternadamente assusta o povo hespanhol pela sua apparente conformidade com as prophcias e predisposições, ora repelle a crença pela sua intrinseca enormidade. Que a explosão predita das minas e rastilhos de pólvora do estio passado espantasse actualmente a Europa pela sua denotação dentro em dose mezes,—que a peor das predições se verificasse por uma catastrophe tão rapida,—que no meio do seculo XIX se concertasse e executasse uma conspiração para mudar a successão de um throno por meios mais perversos e resoluções mais atrevidas do que se toria ousado emprender nos dias de Eduardo IV e de Luiz XI—e que tudo isto se levasse a effeito nos olhos da Europa, fizesse sobre todos os passos successivos da referida conspiração, e dirigida deliberadamente a attenção da nação interessada para as suas consequências—saõ contingencias que constituem um acontecimento tão notavel, que não maravilha, se a Hespanha hesita entre a credulidade e a indignação, ou que os animos mais tranquilos dos Inglezes fizessem quasi igualmente incapazes de pronunciar-se sobre a crise. A conclusão que as circumstancias suggerem, repelle a caridade instinctiva. Proclamou-se altamente nessa fatal estagão do anno passado; que o unico fim dos casamentos era transferir o throno da rainha D. Isabel e o dominio da Hespanha para o marido de sua irmã mais moça; é actualmente já se refere que o ministerio de Madrid está prestes a declarar a sua SOBERANA incompetente para reinar e a recomendar ás côrtes a regencia do par MONTPENSIEN!

Na verdade, não ha encobrir ou disfarçar os factos já consummados. He mais que certo, que o casamento do estio passado, que a despeito de todas as suggestões de decencia e honra, foi imposto a uma rainha ultrajada por aquelles mesmos que eram mais obrigados a proteger sua innocencia e a promover a sua felicidade, tem redundado no peor de todos os males que foram prophetisados de suas tendencias. Uma real senhora foi lançada de uma fonte legitima de protecção e de gozo para um lago attractivo que foi armado para sua especial apprehensão. As

suas fultas teem sido animadas, aggravadas e publicadas. Os seus amigos e parentes teem sido seduzidos ou arredados do seu lado. Os seus naturaes protectores, depois de a pôrem no mão caminho, abandonaram-na errante. Seus jurados conselheiros estão pelos interesses do seu inimigo. Sem um amigo ou conselheiro, a rainha de Hespanha D. Isabel ora se acha no palacio de Madrid sem protecção nem assistencia, prestes a ser despojada da herança de seus antepassados com meiguices e promessas de independencia, ou obrigada com ameaças a tróca do seu direito de primogenitura por um repouso momentaneo.

Que tal he a situação de uma soberana europeia,—que ella tem sido effectivamente privada dos antemurais e recursos que devem de cercar a magestade de uma rainha, abandonada sem mais defenza contra as machinações de qualquer intrigante possivel do que aquella que pôde achar-se abrigada, mas invisivel na animada lealdade dos Castellhanos—esta fóra de toda a questão ou duvida. Ao tempo em que isto escrevemos, tal he o verdadeiro estado dos negocios da Hespanha, e a indefinida expectação de alguma catastrophe decisiva ganha terreno com rapidez. He certo que a esplanada está corôada, e he natural esperar que as fortificações já estejam derribadas e a fortaleza escalada. Se exprimimos a nossa incredulidade na immminencia de um tal perigo, he porque não podemos chegar a attribuir a monarcha, ou povo algum civilisado a direcção, ou consummação de uma conspiração contra os direitos de uma rainha, e a independencia de um vizinho, que envolveria a fatal e completa verificação de todas estas suspeitas.—D. Isabel II foi constringida a uma união tão extraordinariamente repulsiva que a tem levado a um comportamento de tanto descredito para si mesma como para o seu reino. Asente-se que taes espectaculos devem de ser suspensos, e que a voz do seu povo e o credito da christandade exigem a sua cessação. Proclamou sobre isto, que em vez de separar-se de um consorte mal assortido e empurrado,—em vez de livrar-se da violencia que induz a sua extravagancia—em vez de desligar-se de laços que a decencia condemna—deva ella ser privada sumariamente de um throno que foi compelida a deshonrar, a instancias e em proveito daquelles que lhe impuzeram a compulsão, seria um juizo tão atroz e iniquo, que nenhuma experiencia nos induziria a crer que uma nação o suggerisse, e outra o aceitasse. Tal censura qual já lhes tem cabido chamaram sobre si o rei dos Francezes e os seus ministros. Elles se espozeram á natural imputação de deshonrosas intenções, quando commetteram um

acto deshonroso. O casamento da rainha de Hespanha foi uma medida a mais injustificavel, fossem quaes fossem os motivos—não era de admirar que se lhe attribuisse o peor. Os passos successivos, que teem firmado o seu isolamento e abandono, são dignos da mais severa reprobção, fossem quaes fossem os fins propostos—não era de admirar que se suspeitasse o peor. Porém, que os promotores destes concatenados movimentos confirmem agora todas as anteriores imputações, verifiquem todas as suspeitas passadas, adoptem e reconheçam todo o tecido de imputadas iniquidades, e aceitem a responsabilidade de todos os crimes arguidos, por um facto de tanta enormidade, como é o de destronisar-se uma rainha e usurpar-se um reino, he uma conclusão que envolve tal extravagancia da crime, que bem se nos pôde perdoar o suspendermo-lhe o nosso assenso.

Todas as pessoas sollicitas pela tranquillidade da Europa, ou pelo credito do seculo estimarão bem, que a situação, a que tem sido reduzida esta infeliz rainha, obtemha afinal a devida attenção e seja tratada com salutar cuidado. Certo que já he tempo de que D. Isabel II e seu real consorte cessem de escandalisar o mundo e de ameaçar a paz do continente. Voluntariamente subscrevemos a taes sollicitações: mas não podemos vêr como o bom senso possa suggerir ou a justiça commum permittir alternativa alguma no remedio empregado. Que S. M. C. nunca dêvera ter casado contra sua vontade, he uma verdade muito religiosa. Que os funestos resultados desta união compulsoria devem terminar pela sua dissolução, e que a injustiça deve ao menos ser reparada por um acto de justiça tão prompto quanto possivel seja, são proposições de si mesmas evidentes. Ninguem de fóra das Tulherias, ou do Prado, sustentará que a rainha D. Isabel não casou sem o seu consentimento e a despeito dos mais energicos protestos. Ninguém poderá hesitar em apontar para os meios pelos quaes deveria ser neutralisada uma tal violencia, ainda quando a paciente não fosse uma rainha, nem o poste um throno. De todos os divorcios reaes que a historia registra, seria difficil achar um tão rasoadamente exigido pelas circumstancias e consequencias do contracto original, como este; e será então occasião de fallar-se de incompetencia e perda, quando uma joven rainha inoffensiva tiver sido alliviada dos injustos grilhões que torturam a sua vida e entregue aos desapaixoados dictames de um espirito não iquebil, nem vicioso.

(Diário de Pernambuco.)

O PROJECTO DA UNIAO DE PORTUGAL
A HESPAÑHA.

Lisboa, 28 de julho.

Antes da appareição de Concha, Mendez Vigo e Norzogaray no territorio portuguez, a idéa da união da Península ibérica não passava de um sonho de cérebros exaltados, que não merecia attenção alguma aos homens reflectidos e circumspectos. O equilibrio das Potencias da Europa, as intimas relações da Inglaterra com este paiz, a natural aversão dos portuguezes a um *jugo estrangeiro*, especialmente ao de uma nação que em 1640 arrojamos do nosso solo e vencemos em encarniçados combates, tudo afugentava a probabilidade de se pensar seriamente em semelhante plano.

Quando em 1836 o ministerio Passos mandou a Cadiz o advogado Leonel Tavares Cabral, afim de observar os movimentos dos carlistas que se dirigião á Andaluzia, o partido cartista attribuiu aos setembristas a idéa de união ibérica, afim de os desacreditar perante a opinião publica; e pelo menos obteve a notavel vantagem de lançar um ridiculo indelevel sobre a missão de Leonel Tavares, que ficou tida como inopportuna, inutil e burlesca.

Então já havia na Hespanha muita gente que acariciava o pensamento do regresso á ordem de cousas de 1580; mas os obstaculos assomavão tão valentes e formidaveis, que não permittião uma esperança bem fundada acerca da exequibilidade do projecto. Hoje, força é dizê-lo, a questão tomou outras porções.

A guerra civil que se seguiu á revolução de 6 de outubro tem alguma analogia com o desastre de *Alcaer-quibir*. A desolação, as ruínas alastrarão-se no paiz; as mortes, os roubos, os incendios causarão prejuizos incalculaveis. O *Diario* do actual governo já declarou que recusámos cincoenta annos, e ainda no numero de hoje lastima a existencia de embaraços que augmentão cada dia, apesar do termo da guerra civil.

Desde que o governo portuguez solicitou ao gabinete de S. Ildefonso um exercito para acabar com o pronunciamento, a annexação de Portugal a Hespanha reviveu na mente dos estadistas de todos os partidos pertencentes ao reino de Castella. Moderados e progressistas encontrão-se ali perfeitamente em harmonia quanto ao proposito de substituir as nossas quinas pelos leões ibéricos, e apenas divergem um pouco quanto ao methodo de levar a effeito a combinação e de vencer as difficuldades que ainda militão contra essa annexação.

Apenas entrãrão no territorio portuguez as tropas hespanholas, penetrando por Valença, por Bragança e por Elvas, começarão os generaes do reino vizinho a dar os primeiros passos no sentido do objecto de seus calculos. Nas proclamações que redigirão falla-se muito na communição de interesses dos dous povos, nas relações quasi de familia que entre elles existem. A medida que forão avançando no paiz, não se descuidarão de captar a boa vontade dos habitantes; e reconhecendo que lhes era altamente conveniente não perder as sympathias da parcialidade mais numerosa, longe do usarem de violencia para com os pronunciados, forão exemplares em moderação, em deferencia, e

até, como vai ver-se, em fraternisação.

Concha, chegando á vista do Porto, assignou a convenção de Gramido, que presta as maiores homenagens á Junta e que impede Saldanha de entrar no Porto, pelo menos até que decorra uma semana. Não contente com isto, escreve para Hespanha afim de que os commissarios da junta, marquez de Loulé e Cesar de Vasconcellos, sejam condecorados com a grão cruz de Carlos III ou de Isabel a Catholica. E' certo que Concha se dirigio tambem ao quartel-general de Saldanha, que entrou subsequentemente no Porto ao lado do duque no dia 7 do corrente, que assistio ás suas revistas e aos seus banquetes; mas não deve olvidar-se que a officialidade hespanhola andou sempre de gorra com a officialidade pronunciada, e que nos jantares a que uns e outros assistirão se começou a traduzir em factos o pensamento reservado, brindando-se em altas vozes á união de Portugal e da Hespanha.

No Alentejo, o general Norzogaray seguiu as mesmas pisadas. Depois de occupar Elvas, Extremoz e Marvão, sabendo que em Evora tinha havido algum disturbio entre a tropa e os habitantes, fez immediatamente marchar para essa cidade 2,000 Hespanhões, e dispunha-se a seguir com o resto da sua divisão para occupar Lisboa, quando recebeu insinuações positivas do seu ministro D. Luiz de la Torre Ayllon para não proseguir, para não comprometter imprudentemente as vistas do seu governo.

Quando Concha se apresentou na capital, foi friamente recebido pela gente da situação. Sabia-se que tinha expor ao Sr. Ayllon as suas objecções á convenção do Porto e revalida-la em toda a sua integridade, o que conseguio em virtude da carta branca que trazia do ministerio Pacheco; sabia-se que esta intenção, este empenho de lisongear os pronunciados não era mais do que o seguimento do systema da alliciação para o união ibérica, alliciação que em Hespanha se conhece assaz que pôde antes promover-se com a democracia que seguiu as partes da Junta do Porto, do que com os sectarios da dynastia em Lisboa. O governador civil de Lisboa marquez de Fronteira, o commandante da guarda municipal D. Carlos o poucos mais officiaes se apresentãrão a fazer sala ao general castelhano.

Durante a sua permanencia na capital, Concha fallou muito na execução do protocolo, na necessidade da mudança do ministerio e na conveniencia de attender ás justas reclamações da officialidade pronunciada. Os officiaes do estado-maior do marquez do Douro forão mais explicitos do que o seu chefe; fallãrão sem reboço com os seus amigos na utilidade, na vantagem de fazer das duas nações peninsulares uma grande potencia, e nas excellentes condições que poderião formular-se para esse arranjo.

Compre contudo declarar que se limitãrão a estas observações, e que não consta que passassem a combinar desde já com algum partido nosso o plano para levar a effeito semelhante proposito; nem se diz que encontrassem nos caudillos progressistas um firme e deliberado empenho de os auxiliar desde já, em Lisboa, no sentido indicado.

Em Madrid, os jornaes progressistas

Espectador, *Eco del Comercio* e *Clamor publico* advogaõ positiva e formalmente a idéa da annexação. O *Espanol*, ordeiro e orgão de um dos ministros de D. Isabel II, segue, um pouco mais reboçadamente, o mesmo accordo; e os proprios jornaes cristinos, *Faro* e *Heraldo*, deixão passar a doutrina e a auxilio, observando que o exercito hespanhol procedeu com a maior habilidade, conciliando-se a sympathia dos partidos que contão mais adherentes em Portugal.

Os periodicos progressistas querem a união *incontinente*, sem delonga e sem gradação. Exhortão o general Concha a que leve a effeito o grandioso pensamento, a que satisfaça a divina vocação dos dous povos para confundirem a sua nacionalidade, para formarem um Estado peninsular, que dentro em pouco, pela industria e pela civilisação, reconquiste para a Iberia a sua posição das épocas de Carlos V e Philippe II.

A diplomacia britannica não podia ficar ociosa em presenca desta demonstração. De Portugal haviaõ sido expedidas para *Dowling Street*, em Londres, copiosas informações destes maneios; e pelo que presenciou em Madrid, M. Bulmer julgou-se autorizado a pedir explicações ao gabinete de S. Ildefonso acerca da tendencia que se manifestava, declarando ao mesmo tempo que o gabinete de S. James não consentiria que as tropas hespanholas se demorassem em Portugal um minuto além do prazo marcado para a sua occupação (dous mezes). Não transpira o que o gabinete de Madrid respondeu ao de S. James; suppõe-se porém que tratou de tranquillisar a susceptibilidade de lord Palmerston e de assegurar-lhe que a Hespanha continuará, como até aqui, a marchar de accordo com as potencias aliadas.

O mais curioso é que o *Morning Chronicle* e alguns outros orgãos da imprensa britannica não hesitaõ em suppôr que o conde de Thomar (Costa Cabral) é um dos que se presta a servir ás vistas da Hespanha na questão da annexação. E' certo que esse individuo, coberto de favores e mercês pela soberana de Portugal (que não só se dignou visitá-lo no seu castello de Thomar, como ser madrinha de seus filhos), deveria suppôr-se incapaz de trahir a sua bemfeitora o de se aproveitar da posição official que lhe fôra dada pela rainha para trabalhar n'um empenho que teria por consequencia final expelli-la do throno. Mas quando se attende a que Costa Cabral já trahio os democratas que lhe conferiraõ as possiveis distincções, fazendo gravar o seu nome em letras de ouro na associação dos Camillos (1836), elegendo-o deputado, apresentando-o commissario do congresso constituinte junto aos generaes que debelláraõ a revolta dos marechaes (em 1837), e concorrendo finalmente para ser despachado administrador geral do districto de Lisboa (1838), não deve surprender muito que ainda uma vez se torne apostata politico, reconhecendo-se que todas as metamorphoses por que este homem tem passado haõ sido calculadas para o converter de simples proletario em opulento capitalista.

Para mais efficaçmente se aplanar o terreno, trata-se de fazer publicar em Lisboa um jornal, especialmente dedicado a advogar a união dos dous paizes; e, se,

gundo se diz, terá o título de *Iberia* ou de *Clamor Público*. Pelo enquanto ainda se não sabe ao justo quem será encarregado de redigir essa folha; mas não é difícil adivinhar quem tomará a seu cargo o pagamento das despesas e o salário dos redactores.

O trambolho principal, o barranco mais temível que se apresenta a estes projectistas é a Inglaterra. Se Portugal passa ao domínio da Hespanha, e se a Hespanha pôde continuar a ser tutelada por Luiz Philippe, onde irá parar a influencia secular que os Ingleses exercem nas margens do Tejo? Como se indemnizará a Grã-Bretanha da perda da sua dictadura neste paiz? *Hoc opus, hic labor est.*

Se a Hespanha dissesse:—Carecemos do Portugal; ah! tendes Cuba com as suas riquissimas plantações de assucar, café, tabaco, couros, mel e madeiras preciosas, com o seu milhão de habitantes, com as suas rendas pingues que sustentam uma esquadra, 12,000 homens de tropa, fazem a fortuna dos governadores, e ainda dão importantes sobras para a metropole; ah! tendes mais as Philippinas com os seus dous milhões de habitantes e profusão do mesmo assucar, tabaco e cacão, com algodão, cereaes, especiarias e perolas, com dez colheitas de seda em cada anno, com o importante commercio com a China; talvez *John Bull* se humanisasse, talvez encontrasse compensação.

Mas não é esta a tenção dos Hespanhões. Nem uma das Philippinas dão pela annexação de Portugal. Dizem que não estão para ceder das possessões ricas para grangear um paiz pobre e exaustão, que o seu fim na união dos dous paizes é fortificar um pelo outro, conservando-se todos os dominios de ambos, e que para contentar a Inglaterra ha expedientes que não deixarão de merecer a sua approvação. Contendem que, sendo a Grã-Bretanha um paiz essencialmente mercantil, folgará com a união de dous paizes que a natureza parece ter destinado para formarem uma só nação, se a Peninsula inteira por via de um tratado de commercio abrir os seus portos ás mercadorias britannicas, cessando assim a necessidade do contrabando e augmentando-se consideravelmente o consumo das mercadorias inglesas nesta parte da Europa.

Esta compensação nada avulta para o governo britannico. Dos depositos de Gibraltar e dos da fronteiras de Portugal entrão no reino vizinho mercadorias em grande abundancia no território de Castella. O augmento de consumo que podesse resultar para a Inglaterra da abertura dos portos de Hespanha de modo algum entraria em linha de conta para contrastar a influencia franceza, que, uma vez firmada em Madrid, dominaria do mesmo modo em Lisboa, tirando ao gabinete de S. James a tutela de um reino que de tanto lhe ha servido nas guerras contínuas.

Para Portugal semelhante combinação seria um golpe de morte. Actualmente as nossas alfandegas, situadas num reino que conta apenas tres milhões de habitantes, rendem mais que todas as casas fiscaes de Castella com os seus 13 a 14 milhões de habitantes, por isso que uma boa porção dos despachos são de mercadorias que subseqüentemente entrão no paiz vizinho. Terminando em Hespanha o systema prohibitivo em materias de com-

mercio, a par da diminuição dos recursos fabric de Castella, avultaria o maior abatimento do reino de Portugal.

(Continúa.)

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO.

Despachos publicados por occasião do Baptismo da Serenissima Princeza a Senhora D. Leopoldina.

ORDEN DA ROZA.

Officiaes.

Dr. João Duarte Lisboa Serra.
O Tenente Coronel d'artilharia Francisco Raimundo Correia de Faria.
Antonio de Souza Ribeiro.

ESTADO MAIOR.

1.ª CLASSE

Major graduado.

O Capitão d'infantaria Lourenço Justiniano da Serra Freire.

Capitão graduado.

O Tenente do estado maior de 1.ª classe Guilherme Leopoldo de Freitas.

2.ª CLASSE.

Tenente Coronel graduado.

O Major do estado maior de 2.ª classe Joaquim Alves de Abreu Guimarães Picaluga.

IMPERIAL CORPO DE ENGENHEIROS.

Major.

O Major graduado José Joaquim Rodrigues Lopes.

Quarto Batalhão de Fuzileiros.

Alfere—O 2.º cadete 1.º Sargento do 5.º de Fuzileiros Gonçalo de Mattos Rocha.

Quinto Batalhão de Fuzileiros.

Tenente-Ajudante—O Alfere do 4.º de caçadores José Manoel Braga.
Capitão da 4.ª companhia—O 1.º Tenente d'artilharia Antonio Juliano Correia de Faria.
Capitão da 5.ª companhia—O Tenente de infantaria José Cassiano da Costa.
Capitão da 7.ª companhia—O Tenente de infantaria Angelo Baptista Mendes.
Tenentes—O Tenente graduado do mesmo José Luiz Teixeira Lopes; o alfere do 3.º de caçadores Manoel Amancio d'Almeida; o alfere do 4.º de caçadores Sigismundo Nemesio Marrocos do Sá.

Quarto Regimento de Cavallaria.

Capitão da 4.ª companhia—O Tenente ajudante do 4.º de caçadores Joaquim Ferreira de Souza Jacarandá.

CAÇADORES.

Quarto Batalhão.

Major—O major graduado do 5.º de Fuzileiros, Francisco Joaquim Ferreira de Carvalho.

Tenente—O alfere do 5.º de fuzileiros, Francisco Gonçalves Pereira Lima.
Tenente—O alfere de infantaria, José Saturnino Gaspar.

CORPO FIXO DO PIAUHY.

Caçadores.

Tenente-coronel commandante—O Tenente-coronel de infantaria Antonio Fernandes Padilha.

Tenente-ajudante—O alfere de infantaria Eduardo Joaquim Pereira de Oliveira.
Alfere-secretario—com direito a accessão—O 1.º sargento do deposito da corte, José Marianno de Barros.

Capitão da 1.ª companhia com graduação de major—O capitão de infantaria, Joaquim de Fontes Marinho.

Capitão da 2.ª companhia—O 1.º Tenente de artilharia, Gaspar Valentão Cordeiro.

Capitão da 4.ª companhia—O Tenente de infantaria Alexandre Francisco Augusto.

Tenentes—O alfere do 4.º de caçadores José de Souza Lima, o alfere do 1.º de caçadores Candido Francisco de Sant'Anna, o alfere do 4.º de caçadores, Joaquim Bezerra d'Albuquerque, o alfere do 3.º de caçadores Antonio da Silva Paranhos.

Corpo de Caçadores do Ceará.

Alfere-ajudante—O alfere do 5.º de fuzileiros Childerico Cicero d'Alencar Ararape.

Tenente-quartel-mestre—O tenente do 5.º de fuzileiros Leocadio da Costa Weyne.

Companhia de Caçadores do Rio Grande do Norte.

Alfere—O 1.º sargento do 5.º de fuzileiros Raimundo dos Santos Lima.

PASSAGEM DOS OFFICIAES DE PRIMEIRA LINHA DO EXERCITO D'UNA PARA OUTROS CORPOS NOS MESMOS POSTOS.

Estado Maior de primeira classe.

O Tenente Coronel d'artilharia—Francisco Raimundo Correa de Faria.

Para o 3.º Batalhão de Fuzileiros

O Alfere do 5.º de Fuzileiros—Manoel Leandro Rodrigues Moreira.

Para o 5.º Batalhão de Fuzileiros.

O capitão do estado maior da 2.ª classe—Joaquim Belfort Gomes, 1.ª companhia.

Para o Corpo Fixo do Ceará.

O capitão do 5.º de Fuzileiros—João Baptista Mello, para a 3.ª companhia.
Luiz Xavier Torres, para a 4.ª companhia.

O Tenente-ajudante do dito—Antonio Carlos da Silva Jatchy.

CAPELLA IMPERIAL.

Conego honorario

O Vigario da cathedral do Maranhão—Domingos da Rocha Vianna.

Cathedral do Maranhão

Arcebispo—O conego prebendado Antonio Lobato d'Araujo.

(Do Progresso.)

A REVISTA.

A Camarilha.

—A camarilha que blazona em seus jornaes, que não precisa do governo para vencer, embalava constantemente aos seus adeptos com a promessa da vinda de um presidente de seu partido para fazer aqui as eleições, e os ia de dia em dia adormecendo nessa lisongeira esperança. Succedia-se entretanto os vapores, e nada de realizar-se a promettida mudança; fecha-se por fim a assembléa geral, circumstancia para que appellava em ultimo transe, chega a pouco o vapor Imperatriz, e o Sr. Franco é conservado; o mesmo Sr. José Paço que é o primeiro candidato camarilheiro, deixa-se ficar na corte, e abandona o campo a seus adversarios, como homem que se acha de todo desacorgoadado. Despontada por este lado, de que invento lançará mão a facção para alentar no seu desanimo os poucos que a seguem?

Os coripeus camarilheiros, ou verdadeiramente illudidos, ou simplesmente para illudir, ainda foraõ a bordo do Imperatriz que entrava no porto todo embandeirado, mas em vez de encontrarem o esperado presidente para o Maranhão, deraõ cara a cara, quando menos o esperavaõ, com o Exm. Sr. Herculano Ferreira Penna, presidente do Pará, e tão corridos ficaraõ do *qui pro quo* que os constitua a fabula do povo, que não viãõ saltar a rampa donde tinham partido galhofeiros, mas forãõ murchos e calisbaixos fazel-o ahi para as partes das Mercês, em logar retirado e ermo.

Nas cartas que escreviãõ para o interior não cessavaõ de prometter um novo presidente que não tardaria a chegar; ora era o Sr. Odorico que se acha fora do imperio; ora o Sr. Mariani; ora o Sr. Angelo Moniz; ora outro. Mas para se avaliar o descredito da camarilha na corte basta vêr a nenhuma attenção que merecerão as intrigas e discursos dos deputados José Thomaz e José Paço, e o grande desalento que mostra o ultimo nas correspondencias que estampa actualmente no Jornal do Commercio. O Observador que não é suspeito, tira-nos toda e qualquer duvida que ainda podesse haver a tal respeito, dizendo em seu n. 14, que a opposição camarilheira nada tem a esperar do ministerio com quem não deve contar, e que no triste abandono em que se acha deve ella fazer publica a liga que com elle Observador celebrãra secretamente.

Nos jornaes a linguagem que se emprega, é outra:—clama-se a todo o transe contra a oppressão e despotismo, e pregu-se resistencia e mais resistencia.—Entre tanto é certo que nunca houve opposição que gossasse de mais liberdade, pois ao passo que isto diz, faz as suas reuniões ou meetings, e publica quanto lhe vem á mente contra o governo, sem que por parte deste lhe seja posto estorvo algum. Ainda não foi dissolvida uma só dessas reuniões, nem foi ainda feita a menor perseguição á imprensa opposicionista, apesar dos excessos com que se tem manchado os seus directores e orgãos. Assim estes escriptos e publicações da camarilha em contradicção permanente com os factos longe de provar contra, previo em fa-

vor da administração do Sr. Franco de Sá que marcha pelas vias legais, e sabe respeitar as liberdades publicas. E para fazer isto mais palpavel, perguntaremos simplesmente ao Sr. Candido Mendes, si publicava a Oppinião Maranhense e o Picapau no tempo do Sr. Venancio José Lisboa, com a mesma segurança e garantias com que publica hoje o seu Observador? Responda o Sr. Candido Mendes com a verdade de todos sabida, e a sua resposta será a refutação de seus escriptos.

Quante á resistencia para que constantemente se apella, a acreditarmos nos orgãos da camarilha, parece que será alguma coisa parecida com essas barricadas de S. João. O Observador n. 14 até traz um trecho muito insolente e anarchico, involvendo ameaças mui positivas. O dia 7 de Novembro é por elle apellidado *dies irac*. A não tomarmos essas ameaças como simples bravatas, attento o caracter do individuo que as faz, responder-lhe-iamos uma vez por todas: deixe-se a opposição de apellar para planos treloucados e criminosos; dirija-se ás assembléas parochiaes convencida de que vai exercer um direito, e nada mais, que ninguém lhe tollirá o exercicio delle; mas si tentar empregar a violencia para tollir aos adversarios o exercicio do mesmo direito que para si reclama, conte que ha-de ser repellido, porque a maioria não se lia de deixar supplantar pela minoria.

Não estamos hoje no tempo em que meia duzia de valentões expellião das assembléas parochiaes os cidadãos pacíficos, temos governo respeitador dos direitos do cidadão, da liberdade da imprensa, da liberdade das eleições. A questão que se ventila é de votos, e quem tirar a maioria vencerá. A liga que conta immensa maioria, não precisa empregar violencias para vencer, nem será a primeira a empregar-as. Seja pois, acrescentamos com as ultimas palavras do Observador, a opposição circumpecta, amiga da ordem, e do voto livre, que igual disposição encontrará nos ligueiros.

Assim é que a camarilha fraca pelo numero de adeptos, fraca pela intelligencia de seus orgãos e directores, e fraquissima pelas sympathias que desperta, apella em todos os casos para os recursos desesperados, collocando-se fora da orbita das opposições constitucionaes. Assim a vimos proceder na assemblea provincial, assim a vimos proceder nas reuniões populares, assim a vimos proceder na imprensa, assim pela ventura a veremos proceder nas eleições, e sempre com maus resultados, porque a irritação não é força, nem a demencia conselho. O resultado de tantas extravagancias tem sido o descredito sempre crescente, como o provará em ultima analyse a decisão das urnas eleitoraes, infligindo-lhe a merecida reprobção. Proximo está o dia 7 de Novembro, e veremos si a derrota dessa mesquinha facção em toda a provincia não vem confirmar o nosso juizo.

Em todos os partidos ha directores ou chefes mais ou menos intelligentes, mais ou menos circumpectos, neste parece que todos se achão possuidos do frenesi da demencia, e leem pela mesma cartilha, aqui, no Itapucurú, em Vianna, &c. O Snr. Maciel da Costa que foi um dos campeões das barricadas de S. João, ahi vai por esse Itapucurú a cima processando a torto e direito, e fazendo loucuras só dignas delle. Que bello juiz do direito que tem Caxias!

muitos outros tem sido removidos com menos fundamento que este magistrado que é uma especie de maníaco furioso na sua comarca. Eis um dos prototypos dos chefes; e a vista disto não admira que o partido tenha tido taõ má direcção, e occasionado elle proprio a sua derrota.

Consequencias logicas.

—O Sr. Candido Mendes quando redigia a Oppinião Maranhense no tempo do Sr. Venancio José Lisboa, foi demittido do lugar de promotor publico desta capital, viu por vezes cercada de tropa a casa em que tinha a sua typographia, e passou, alem de outros que omitimos, pelo desgosto de ser arrancado de bordo de um vapor onde se tinha mettido sem passaporte: hoje o Sr. Candido Mendes redige o Observador em que diz contra o Sr. Franco de Sá, tanto ou mais do que dizia na Oppinião contra o Sr. Venancio, e não tem soffrido o menor encommodo em sua pessoa e folha, e esperamos em Deus que o não soffrã: a consequencia é facil de tirar: ergo o Sr. Franco de Sá é um *despota*, como o entende o Observador.

—Dizem que o Sr. Candido Mendes deseja tornar publica e soleune a alliança secreta que fizera com a gente do Estandarte para que não appareça inteiramente ex-abrupto feito candidato da camarilha perante o respeitavel a quem se dava por *cabano puro*: não sabemos o credito que deve merecer esta noticia, nem se é exacta a chapa da camarilha publicada pelo Progresso, o que sabemos ao certo é que onde quor que ha eleições perdidas sempre se conta com o Sr. Candido Mendes, que logo é proposto candidato: a consequencia é facilissima de tirar: portanto o Sr. Candido Mendes sahirá *deputado*.

—A assembléa geral fechou-se a 18 de setembro.

—Por decreto de 10 de Setembro foi condecorado com o habito de Aviz o major engenheiro José Joaquim Rodrigues Lopes.

AVISOS.

—Preciza-se comprar huma negrinha de 6 a 8 annos de idade: quem a tiver e queira vender, dirija-se a esta typographia.

☞ Papel d'impressão em grande formato, e de muito boa qualidade: vende-se nesta Typ.

☞ No armazem de arroz de Ricardo da Costa Nunes, na travessa do Theatro, vende-se muito bom arroz miudo em sacca e as arrobas á 600 e 700 reis.

☞ No Armazem de Manoel Antonio dos Santos, ao trapiche, ha excellente carne de garajão, para vender.

Maranhão Typ. da TEEPERANÇA, 1847.—Imp. primo por M. P. Ramos, rua Formosa n. 3.